

Representações Sociais da inteligência: estrutura e efeitos de algumas variáveis sociocognitivas

Virgílio Amaral¹, Francisco Peixoto² & Felice Carugati³

O primeiro objectivo do presente estudo é o de analisar a organização estrutural das crenças e teorias implícitas sobre a inteligência em participantes de sexo feminino com diferentes inserções sociais e papéis educativos (Mães e Não Mães, Professoras e Não Professoras). Por outro lado, pretende-se também pesquisar de que modo as mesmas podem ser influenciadas por dinâmicas sociocognitivas, como possíveis conflitos identitários em participantes que desempenhem duplo papel educativo, bem como o grau de familiaridade percebido pelos participantes com o objecto de representação “inteligência”. Do ponto de vista teórico, adopta-se a perspectiva da Teoria das Representações Sociais, entendidas como Princípios Organizadores de Crenças e Teorias Implícitas. Quanto ao primeiro objectivo, análises factoriais confirmatórias (subsequentes a análises exploratórias) mostram um modelo de organização estrutural de três factores, com fracas ou moderadas correlações entre si. Quanto ao segundo objectivo, análises multivariadas mostram que as Mães valorizam mais teorias inatistas (confirmando estudos anteriores), como possível forma de defesa das suas identidades sociais. Alguns resultados novos face à literatura surgem nesta investigação: as Mães são também as participantes que mais valorizam a imagem de criança inteligente como criança simultaneamente bem socializada, mas também autónoma e dinâmica na prossecução de objectivos ambiciosos. Finalmente, também como resultado novo, consta-se que os participantes sem qualquer posição face à questão da familiaridade com o objecto de representação, valorizam significativamente mais esta última teoria implícita. São sugeridos estudos futuros para esclarecimento destes resultados.

PALAVRAS-CHAVE: inteligência; representações sociais; dinâmicas sociocognitivas.

1. Introdução

Os estudos sobre os conteúdos das representações sociais constituíram grande parte da primeira geração de pesquisas no âmbito da teoria das representações

¹ Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra - jamaral@ces.uc.pt

² Instituto superior de Psicologia Aplicada, Unidade de Investigação em Psicologia Cognitiva, do Desenvolvimento e da Educação

³ Università di Bologna

sociais, como sejam o estudo inicial de Moscovici (1961) sobre a psicanálise, as investigações de Herzlich (1973) sobre a Saúde /Doença ou de Jodelet (1989) sobre a doença mental.

De acordo com Emiliani e Molinari (1995), a orientação das pesquisas para os conteúdos das representações sociais corresponde ao filão original da conceptualização e operacionalização da teoria.

Segundo Flament (1999), os desenvolvimentos teóricos mais actuais na área das representações sociais abordam a questão da estrutura interna das representações, ainda que tais abordagens não dispensem o necessário enfoque ainda sobre os conteúdos das mesmas.

Uma destas aproximações teóricas, mas também empírica, à estrutura das representações sociais, corresponde à Teoria do Nó Central (Abric, 1994), difundida sobretudo por investigadores ligados à universidade de Aix-en-Provence. Neste âmbito, a análise dos processos de funcionamento e dinâmica das representações passa pela análise da sua organização interna e da sua relação com as práticas sociais. Com base na noção de núcleo figurativo, já proposta por Moscovici (1961) aquando do seu estudo das representações da psicanálise, a teoria do nó central vem propor que a organização das representações se efectua, em última análise, em torno de um sistema de elementos / conteúdos estáveis – o núcleo central -, cuja composição determina a natureza das ligações entre os elementos das representações (função organizadora do núcleo) e o que significam por relação ao objecto de representação (função geradora).

A par dos trabalhos desenvolvidos por investigadores que se filiam na teoria do nó central – por exemplo, em relação à representação social da inteligência e do seu desenvolvimento, ver Flament (1999) -, um conjunto de outros investigadores ligados à Universidade de Génève (Doise, 1989; Clémence, Doise & Lorenzi-Cioldi, 1994) propõe uma abordagem, também ela estrutural, das representações sociais, segundo a qual as mesmas podem ser definidas como princípios organizadores de tomadas de posição simbólicas face ao objecto de representação, sendo que estas posições simbólicas se podem organizar de diversas formas – como opiniões, crenças, atitudes ou estereótipos, por exemplo -, de acordo com a forma como ancoram em inserções específicas no quadro das relações sociais. Uma representação social pode ser perspectivada como um metassistema comum de tomadas de posição simbólicas dos indivíduos, sendo que a pluralidade de representações sobre um mesmo objecto – ou de posições simbólicas, ancoradas em diferentes posições sociais – remete para a activação de diferentes princípios organizadores. Por exemplo, Poeschl (1992, 2001) mostra como as representações sociais da inteligência se modificam em função da activação de um – ou ancoragem em – determinado sistema categorial, como sejam (d)o homem ou (d)a mulher.

Paralelamente à primeira formalização teórica das representações sociais entendidas como “princípios organizadores” (Doise, 1989), Mugny e Carugati (1985) procuravam operacionalizar aquele conceito, na sua monografia sobre as representações sociais da inteligência, mostrando que variáveis psicossociais como a maior ou menor familiaridade com o objecto de representação – ou seja, o facto de se considerar o tópico “inteligência” como algo de misterioso e inexplicável ou não –, a carência de informação declarada pelos sujeitos quanto à compreensão da inteligência, bem como a preservação de identidades sociais positivas ou os conflitos identitários – pais e professores, por exemplo – modulavam a organização de crenças e teorias implícitas acerca da inteligência. Os resultados mostram que os sujeitos que se declaram menos familiarizados com o objecto de representação e, por outro lado, os sujeitos que experimentam conflitos identitários em termos de papéis educativos, tendem a valorizar uma teoria implícita da inteligência que realça o seu carácter de dote inato e que as desigualdades “naturais” de inteligência entre sujeitos se devem ao acaso genético.

Mais recentemente, Carugati, Selleri e Scapini (1994) testaram, através de análises factoriais confirmatórias, o impacto daquelas variáveis na “arquitectura” de diferentes “posições simbólicas” – como a organização de indicadores empíricos em “concepções” e em “teorias implícitas” –, comprovando que as relações entre as diferentes tomadas de posição simbólicas ancoram, não num *vacuum* social, mas, de forma directa, nas referidas dinâmicas sociocognitivas – por exemplo, os conflitos identitários ou o grau de familiaridade dos sujeitos com o objecto de representação.

Também, em contexto finlandês, Snellman e Raty (1995) e Raty e Snellman (1995), ou ainda, em Portugal, Amaral (1997) e Araújo (2006), têm mostrado a ancoragem de crenças e teorias implícitas sobre a inteligência em algumas daquelas dinâmicas sociocognitivas.

Os objectivos do presente trabalho são os de clarificar a organização estrutural de crenças e teorias implícitas sobre a inteligência e o seu desenvolvimento, em sujeitos do sexo feminino, assim como se as mesmas podem ser influenciadas por dinâmicas sociocognitivas como sejam possíveis conflitos identitários naqueles sujeitos que desempenham um papel educativo – no caso, mães e professoras –, ou o grau de familiaridade percebido pelos sujeitos com o objecto de representação.

Adoptamos como perspectiva teórica e de investigação, quanto à análise da estrutura das representações da natureza inteligência, a perspectiva das representações sociais entendidas como princípios organizadores de certas crenças ou concepções, na linha do trabalho de Carugati et al. (1994), atrás explanado e efectuado em Itália e na Suíça. Nessa investigação, os autores procederam por análises factoriais confirmatórias de modo a determinar a organização estru-

tural das representações sociais da inteligência, entendendo-se estas como “a well organized cognitive polyphasia in lay people’s discourses”(Carugati, Selleri & Scapini, 1994, p. 3), que servem a estes sujeitos leigos para a negociação de diferentes “teorias” implícitas – porventura, concorrentes – sobre a inteligência, e que emergem, por um lado, das suas posições sociais específicas, e, portanto, decorrentes destas inserções sociais, de diferentes identidades sociais e, por outro lado, do grau de inexplicabilidade percebida relativamente ao tópico “inteligência”.

2. Método

2.1. Participantes

A 138 sujeitos do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 31 e os 45 anos ($M=36,4$; $d.p.=4,9$), foi administrado um questionário sobre as representações sociais acerca da natureza da inteligência. Da totalidade da amostra, 63 (45,65%) das participantes eram mães – tendo, à data, até dois filhos – e as restantes eram não mães ($n=75$).

No que respeita à ocupação profissional, 69 (50%) participantes exerciam à data actividade docente no 2º ciclo do ensino básico, e as restantes participantes ($n=69$; 50%) exerciam actividade profissional na área dos serviços.

Todas as participantes apresentavam habilitações literárias ao nível de curso superior (bacharelato ou licenciatura).

2.2. Material e procedimentos

Como se referiu, a identificação dos conteúdos das representações sobre a natureza da inteligência foi realizada mediante a aplicação de um questionário estruturado, com respostas numa escala tipo Likert de 5 pontos (1: discordo totalmente; 5: concordo totalmente).

2.3. Variáveis

Para efeitos das análises do impacto das posições (identidades) sociais, consideraram-se como variáveis independentes o estatuto profissional – professoras versus não professoras – e o estatuto de maternidade – mães versus não mães.

Quanto à variável “grau de familiaridade” com o objecto de representação, esta foi operacionalizada através do seguinte item com respostas a uma escala de 5

pontos: “A existência de diferenças de inteligência entre indivíduos constitui um problema misterioso que a ciência se mostra incapaz de resolver”. As respostas dos sujeitos forma recodificadas em três níveis, apurando-se os sujeitos que respondiam no ponto intermédio da escala de resposta, ou então os que respondiam positivamente – os sujeitos não familiarizados com a inteligência – e os que respondiam negativamente – os sujeitos familiarizados com o objecto de representação.

As variáveis dependentes correspondem aos factores apurados nas análises factoriais.

3. Resultados

3.1 Estrutura das Representações Sociais da Inteligência: resultados da análise factorial exploratória.

De forma a identificar a organização das representações sociais da inteligência, procedeu-se a uma análise factorial em componentes principais (com rotação varimax) exploratória, tendo-se extraído três factores interpretáveis. Apresentamos (cf. quadro 1) a estrutura factorial obtida, bem como a variância total explicada pelos factores, a variância explicada por cada factor e os coeficientes de fidelidade de cada factor, medidos pelos índices de alpha de Cronbach.

Quadro 1. Organização factorial das representações sociais da inteligência - Análise factorial exploratória

ITENS	F 1	F 2	F 3
I30 – Ser sociável é sinónimo de inteligência	.74	-.02	.11
I42 – Ser inteligente é saber ter boas maneiras	.70	-.11	.17
I15 – Ser inteligente é saber fazer amigos	.67	.17	-.12
I14 – A inteligência é a capacidade do indivíduo se adaptar à sociedade	.57	.17	-.20
I41 – Ser inteligente é ter ambições e conseguir alcançá-las	.56	-.04	.24
I51 – Ser inteligente é saber dar uma imagem positiva de si	.56	.12	.31
I40 – Ser inteligente é escolher os amigos com os mesmos hábitos e costumes	.55	-.02	.19
I21 – Ser inteligente é saber adoptar regras de convívio social	.54	.07	.05
I34 – A criança inteligente é a que mostra persistência e esforço na realização de tarefas	.52	.06	-.07
I27 – A criança inteligente é a que sabe respeitar o professor	.47	.11	.26
I25 – Ser inteligente é saber transmitir uma imagem coerente com os valores pessoais	.45	.12	.14
I46 – A inteligência revela-se num vocabulário rico	.42	.19	.28
I48 – Ser inteligente é saber pôr em causa os seus próprios pontos de vista	.18	.66	-.04

I43 – Ser inteligente é saber aplicar conhecimentos a situações novas	-.03	.60	.13	
I6 – A necessidade de aprofundar conhecimentos manifesta a inteligência de uma pessoa	.14	.55	.06	
I39 – A inteligência define-se pela capacidade de relacionar diferentes assuntos	.06	.53	-.08	
I50 – Espírito critico é sinónimo de inteligência	.21	.49	.17	
I47 – Saber interpretar as situações de forma adequada define a inteligência	.19	.44	.03	
I36 – O caso das crianças sobredotadas revela o carácter inato da inteligência	.01	.11	.65	
I20 – A inteligência é fruto do acaso genético	.07	.11	.61	
I45 – O computador é o exemplo vivo da inteligência	.28	-.12	.51	
I31 – A lógica e a matemática são os protótipos da inteligência	.14	.13	.48	
I38 – Pela hereditariedade genética transmitem-se maiores ou menores potencialidades intelectuais	-.20	.31	-.45	
I16 – A inteligência é hereditária	-.01	-.04	.42	
% de Variancia explicada	total = 31,8%	15,6%	8,6%	7,5 %
alpha de cronbach		.86	.74	.61

O primeiro factor reúne um conjunto de itens que remete, por um lado, para a dimensão Social da inteligência, em termos de aptidões sociais como a sociabilidade (itens 30, 15) (Fry, 1984; Poeschl, 1992), o conformismo a regras sociais (itens 42, 27) (Fry, 1984; Mugny & Carugati, 1985), a autoapresentação do sujeito no contexto social (itens 51, 40 e 25) (Amaral, 1997) e a adaptação social (itens 14, 21 e 46) (Mugny & Carugati, 1985). Por outro lado, este factor engloba também itens que remetem para aspectos motivacionais de ordem intrínseca em função de objectivos definidos pelos indivíduos (“ser inteligente é ter ambições e conseguir alcançá-las”; “a criança inteligente é a que mostra persistência e esforço na realização de tarefas”) (Sternberg, 1985; Amaral, 1997). Denominámos este factor de “Inteligência Social e Motivação”, tendo em conta a natureza dos itens que maior saturação apresentam neste factor.

O segundo factor agrega itens relativos a aptidões intelectuais, nomeadamente no que concerne à integração crítica de informação (itens 48, 6, 39, 50) (Sternberg, 1985; Amaral, 1997) bem como itens relativos a uma componente de Inteligência Prática (itens 43e 47) (Sternberg, 1985). Chamamos a este factor “Pensamento Crítico”.

Finalmente, o terceiro factor reúne itens que traduzem crenças na natureza inata da inteligência, bem como dois itens agregados numa sub-dimensão classicamente denominada “protótipo cibernético da inteligência” (item 45: “o computador é o exemplo vivo da inteligência”, item 31: “a lógica e a matemática são os protótipos da inteligência”) (Mugny & Carugati, 1985; Carugati, Selleri & Scapini, 1994), e que correspondem a crenças sobre a natureza essencialmente cognitiva da inteligência. Designámos este factor “Teoria dos Dons”.

3.2 Análise de modelos estruturais das representações sociais da inteligência: resultados de análises factoriais confirmatórias

Tendo em conta os resultados obtidos através da análise factorial exploratória, procedeu-se seguidamente, a uma análise factorial confirmatória, utilizando como método de estimação a *maximum likelihood*. A análise foi realizada com o *software* AMOS 7.0 (Arbuckle, 1994). Submetemos a análise 2 modelos distintos, um que supunha a existência de três dimensões independentes (cf. Fig. 1) e o outro (cf. Fig. 2) que pressupunha a existência de três factores correlacionados entre si. Para avaliar a adequabilidade dos modelos utilizámos 4 indicadores: χ^2 , χ^2/df , o índice de ajustamento comparativo de Bentler (CFI), e o *root mean square error of approximation* (RMSEA). Para a interpretação dos resultados utilizámos os seguintes critérios: $\chi^2/\text{df} \leq 3$; CFI $\geq .90$ e para o RMSEA $\leq .07$ (Browne & Cudeck, 1993; Hair, Tatham, & Black, 1995; Kline, 1998; Loehlin, 1998). A análise dos indicadores de ajustamento (cf. quadro 2) permite constatar que ambos os modelos são aceitáveis. No entanto, o modelo que pressupõe a existência de correlações entre os factores apresenta índices de ajustamento ligeiramente superiores aos do modelo que pressupõe a ortogonalidade das dimensões consideradas. Também a comparação entre os modelos permite considerar o modelo 2 como aquele que melhor se adequa aos dados ($\Delta\chi^2_{(3)}=25.2$, $p<.001$).

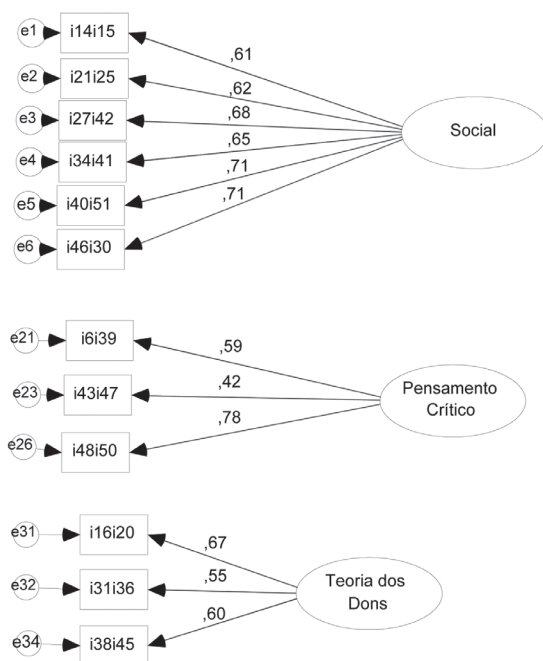


Figura 1. Modelo estrutural das representações sociais da inteligência com factores independentes

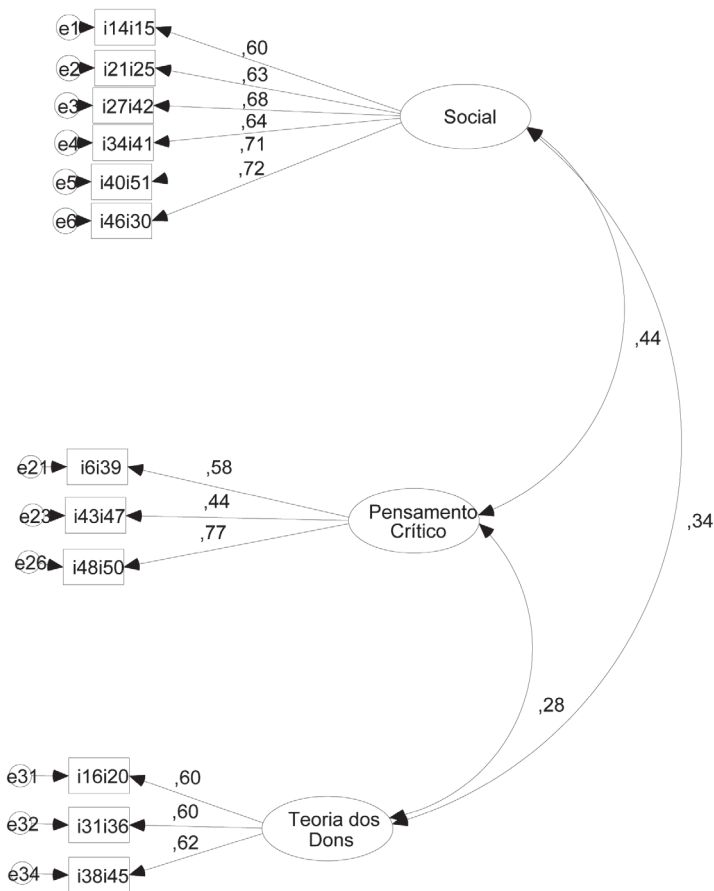


Figura 2. Modelo estrutural das representações sociais da inteligência com factores correlacionados

Em seguida apresentamos os valores de ajustamento estatístico dos dois modelos estruturais das representações da inteligência

Quadro 2. Valores das estatísticas de ajustamento para os modelos testados

	χ^2	df	χ^2/df	AGFI	RMSEA
Modelo 1	79.0	54	21.46	.873	.058 [.026; .084]
Modelo 2	53.8	51	7.67	.910	.020 [.000; .059]

AGFI – Índice de adequação aos dados ajustado (*Adjusted Goodness-of-fit Index*); RMSEA - *Root Mean Square Error of Approximation*

$(\Delta\chi^2_{(3)}=25.2, p<.001)$

3.3 Efeitos do “Estatuto Profissional”, “Grau de familiaridade com a inteligência” e “Estatuto de Maternidade” sobre as representações sociais da inteligência: resultados

Com a finalidade de verificar se a condição de maternidade e a profissão – professoras versus não professoras –, bem como a variável “grau de familiaridade com a inteligência” apresentavam efeitos sobre os factores representacionais da inteligência, procedeu-se a Análises de Variância Multivariadas (MANOVA). Verificaram-se efeitos significativos da variável Estatuto de Maternidade sobre as representações da inteligência (Pillai’s Trace = .101, $F(3, 124) = 4,63$ $p < .01$), bem como da variável “grau de familiaridade” com a inteligência (Pillai’s Trace = .136, $F(6, 250) = 3,04$, $p < .01$).

Testes univariados subsequentes mostram que a variável “Estatuto de Maternidade” tem efeitos significativos sobre os factores “Inteligência social e Motivação” ($F(1, 126) = 10,36$, $p < .01$) e “Teoria dos Dons” ($F(1, 126) = 4,76$, $p < .05$). Quanto ao primeiro resultado, as Mães valorizam significativamente mais a Dimensão “Inteligência Social e de Motivação” ($M = 2,86$) do que as Não Mães ($M = 2,59$). Quanto ao factor “Teoria dos Dons”, também as Mães valorizam significativamente mais este factor ($M = 2,96$) do que as Não Mães ($M = 2,75$).

Relativamente à variável “grau de familiaridade com o objecto”, os testes univariados ANOVA subsequentes mostram um efeito sobre o factor “Inteligência social e Motivação”. Análises *pos-hoc* utilizando o teste de Sheffé, de comparação entre pares de médias, indicam que as participantes mais familiarizadas com o objecto de representação “inteligência” valorizam significativamente menos a dimensão “Inteligência Social e Motivação” ($M = 2,51$) do que as participantes sem posição quanto ao carácter “misterioso e inexplicável” (ou não) da inteligência. ($M = 2,89$)

Discussão

Começamos por discutir a estrutura factorial do modelo confirmatório das representações sociais da inteligência que se revela com melhores índices estatísticos.

Em primeiro lugar, há que reter a relativa independência entre os factores, como verificámos pelos índices correlacionais.

O factor “Inteligência Social e Motivação” assimila a inteligência quer à boa adaptação social e domínio das regras de sociabilidade quer a aspectos motivacionais intrínsecos que revelam uma concepção da autonomia da criança no desenvolvimento da sua inteligência - definir objectivos e conseguir alcançá-los de forma autónoma graças à persistência e esforço -, que muito faz recordar a inteligência dinâmica do modelo bidimensional das concepções pessoais de inteligência de

Carol Dweck (1999). Criança socializada mas também autónoma e dinâmica na prossecução de objectivos ambiciosos, eis uma teoria implícita de um conjunto de concepções coerentes sobre a inteligência.

O segundo factor, que denominámos como “Pensamento crítico”, organiza concepções que correspondem à eficaz integração de conhecimentos e informação exterior ao sujeito, ao seu processamento cognitivo ou elaboração mental – concepção do Pensamento Crítico – e à aplicação adequada e eficaz dos conhecimentos a situações práticas e novas. Esta teoria implícita faz evocar os modelos mais correntes de Processamento de Informação da Cognição Social clássica, segundo os quais, e de acordo com Araújo (2006) “a realização cognitiva dos sujeitos aparentemente pode ser explicada através da realização pelo sujeito de um conjunto de operações mentais (...) designadamente receber e registar a informação, fazer o seu processamento, elaborar mentalmente uma resposta para a situação e dar essa resposta” (Araújo, 2006, p. 75).

Finalmente o terceiro factor corresponde a uma teoria implícita sobre a natureza essencialmente cognitiva e inata da inteligência, já detectada em outras culturas por Carugati, Selleri e Scapini (1994), em Itália, e por Raty e Snellman (1995), na sociedade finlandesa, e que mereceu o título de “inteligência genuína”. Trata-se, a nosso ver, de uma categoria sociocognitiva e cultural que corresponde a um princípio de tematização das representações da inteligência – a um “themata”, para utilizar um termo de Moscovici e Vignaux (1994) -, dada a sua recorrência em sociedades e culturas ocidentais tão diferentes como as referidas e, no caso do nosso estudo, na sociedade portuguesa, que corresponde a uma teoria “naturalizante” da inteligência (“natural” devido ao que tem de arbitrário genético), contraposta, possivelmente, a uma teoria “social” segundo a qual a inteligência seria basicamente um produto cultural e social (cf. Raty & Snellman, 1995; Araújo, 2006), que não detectámos, contudo, na presente investigação.

Os modelos estruturais de análise factorial confirmatória mostram que o segundo modelo (que pressupõe correlações entre os factores) é o que apresenta melhores índices estatísticos (ver quadro2): este modelo apresenta correlações baixas entre os factores “Inteligência Social e Motivação” e “Teoria dos Dons”, e também uma correlação baixa entre o factor “Pensamento Crítico” e “Teoria dos Dons”, o que implica alguma independência nas referidas relações. Contudo o factor “Inteligência Social e Motivação” apresenta uma correlação moderada com o factor “Pensamento Crítico”, o que sugere alguma associação entre estas dimensões das representações sociais da inteligência e que corresponde a um dado novo face à literatura. Desta forma sugere-se que sejam realizados novos estudos sobre a estrutura interna das representações sociais da inteligência que ponderem a relação entre aquelas duas dimensões.

Os resultados relativos aos efeitos do “estatuto de maternidade” são parcialmente consonantes com os resultados obtidos por Mugny e Carugati (1985) e, no que respeita somente à dimensão de inatismo, de Snellman e Raty (1995) em contexto finlandês. As mães da nossa amostra valorizam mais a teoria inatista e cognitiva da inteligência do que as não mães; por um lado valorizam uma componente lógica que corresponde a uma concepção tradicionalmente valorizada pela instituição escolar (Mugny e Carugati, 1985; Raty e Snellman, 1995), por outro lado sublinham o carácter inato dessa mesma inteligência definida nos seus atributos apenas cognitivos. Esta teoria “naturalizante” da inteligência pode servir como forma de defesa da identidade posicional e social destes sujeitos, face a possíveis insucessos dos filhos nas disciplinas de mais forte valência escolar, como a matemática.

São também as mães mais que as não mães que valorizam mais a imagem da criança inteligente entendida como criança bem socializada mas, simultaneamente, autónoma e dinâmica na prossecução de objectivos ambiciosos. O dado relativo à saliência na crença de que a criança socializada caracteriza as representações da inteligência de progenitores é consonante com investigações anteriores realizadas em contexto português (Amaral, 1997). Sabe-se também, por estudos anteriores (Vala, 1986; Amâncio, 1994), que componentes afiliativas e sociais são fortemente valorizadas na representação da categoria supra-ordenada de “Pessoa” na cultura portuguesa, relevando dos nossos resultados que as mães realçam exactamente este tipo de componentes. A par destes valores culturais, parecem emergir novos valores - de auto-promoção, ambição e sucesso -, congregando as duas vertentes de valores sociais - boa socialização e autonomia/sucesso - na mesma representação de criança inteligente entre as progenitoras portuguesas.

O facto de o estatuto profissional não revelar qualquer efeito significativo, surge como um novo dado, apesar de não ser necessariamente expectável que a condição de Professor levasse, no contexto português, a uma acentuação de teorias implícitas inatistas ou a uma valorização particular das dimensões cognitivas da inteligência (cf. Amaral, 1997).

Finalmente, o facto dos participantes sem posição – positiva ou negativa - quanto ao carácter “inexplicável” da Inteligência valorizarem significativamente mais o primeiro factor – “Inteligência Social e Motivação”-, comparativamente aos participantes mais familiarizados com o objecto de representação – que valorizam significativamente menos esta componente -, surge também como um resultado novo no que respeita à literatura existente neste âmbito.

Um estudo, já referido, de Snellman e Raty (1995), realizado em contexto finlandês mostra, contudo, que existe uma relação inversa entre a crença na autonomia dos sujeitos e, por outro lado, o grau de familiaridade com o objecto inteligência. Nesse estudo, verificou-se que os participantes que experimentam maior familia-

ridade com o objecto de representação inteligência, tendem a subestimar a ideia de que são as crianças, em última análise, as responsáveis pelo incremento da sua própria inteligência, ou que as aprendizagens dum aluno inteligente sejam basicamente independentes das suas práticas educativas (dimensão intitulada pelos autores como “aprendizagem espontânea”). Nesta linha, sugere-se que em futuros estudos de carácter exploratório se equacione o aprofundamento das relações entre, por um lado, as crenças nas componentes motivacionais intrínsecas e na autonomia do sujeito na construção da sua inteligência – componentes estas que, nos resultados das nossas análises factoriais surgem, contudo, agregadas à imagem da criança socializada -, e, por outro lado, a percepção ou experiência de maior ou menor familiaridade com o objecto de representação “inteligência”.

Referências bibliográficas

- Abriç, J.-C. (1994). L'organization interne des représentations sociales: Système central et système périphérique. In Ch. Guimelli (Ed.), *Structures et transformations des représentations sociales*. Paris: Delachaux et Niestlé.
- Amaral, V. (1997). A inteligência e o seu desenvolvimento: representações sociais e identidades sociais. In M. Monteiro & P. Castro (Orgs.), *Cada cabeça sua sentença: ideias dos adultos sobre as crianças*. Oeiras: Celta.
- Araújo, M. (2006) *Tecnologias de Informação e Comunicação: Atitudes, Intenções; Variáveis Predictoras e representações sociais da inteligência*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Educacional. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Browne, M. W., & Cudeck, R. (1993). Alternative ways of assessing model fit. In K. A. Bollen & J. S. Long (Eds.), *Testing structural equation models* (pp. 136-162). Newbury Park, CA: Sage.
- Carugati, F., Selleri, P., & Scapini, E. (1994). Are social representations na architecture of cognitions? A tentative model for extending the dialog. *Papers on Social Representations*, vol. 3 (2), 134-151.
- Clémence, A., Doise, W. & Lorenzi-Cioldi, F. (1994) Prises de positions et principes organisateurs des représentations sociales. In Ch. Guimelli (Ed.): *Structures et transformations des représentations sociales*. Paris: Delachaux et Niestlé.
- Doise, W. (1989). Attitudes et représentations sociales. In D. Jodelet (Ed.): *Les représentations sociales*. Paris: P.U.F.
- Dweck, C. (1999). *Self-theories: Their role in motivation, personality and development*. Philadelphia: Psychology Press.
- Flament, C. (1999). Liberté d'opinion et limite normative dans une représentation sociale. Le développement de l'intelligence. *Swiss Journal of Psychology*, 3, 2001-2006
- Fry, P. (1984). Teachers conceptions of students intelligence and intelligence functioning: a cross-sectional study of elementary, secondary and terciary level. *International Journal of Psychology*, 19, 4/5, 457-474.
- Hair, J. F., Jr., A., R. E., Tatham, R. L., & Black, W. C. (1995). *Multivariate data analysis with readings* (4th ed.). Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.

- Herzlich, C. (1973) *Health and illness: A social psychological analysis*. London: Academic Press.
- Jodelet, D. (1989) *Folies et représentations sociales*. Paris: P.U.F.
- Kline, R. B. (1998). *Principles and practice of structural equation modeling*. New York: Guilford.
- Loehlin, J. C. (1998). *Latent variable models: An introduction to factor, path and structural analysis* (3rd ed.). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Moscovici, S. (1961) *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: P.U.F.
- Moscovici, S., & Vignaux, G. (1994) Le concept de thémata. In Ch. Guimelli (Ed.): *Structures et transformations des représentations sociales*. Paris: Delachaux et Niestlé.
- Mugny, G. & Carugati, F. (1985) *L'Intelligence au pluriel*. Cousset: DelVal.
- Poeschl, G. (1992) *L'Intelligence: Un concept à la recherche d'un sens*. Thèse de Doctorat: Université de Genève.
- Poeschl, G. (2001) Social comparison and differentiation strategies in social representations of intelligence. *Swiss Journal of Psychology*, 1, 15-26.
- Raty, H. & Snellman, L (1995) On the social fabric of intelligence. *Papers on Social Representations*, vol. 4 (2). 177-185.
- Snellman, L. & Raty, H. (1995) Conceptions of intelligence as social representations. *European Journal of Psychology of Education*, 3, 273-287.
- Sternberg, R. (1985) Implicit theories of intelligence, creativity and wisdom. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3, 607-627.

Social representations of intelligence: structure and effects of some sociocognitive variables

The first aim of the present research is to analyse the structural organization of beliefs and implicit theories of intelligence in females from different social backgrounds and educative roles (Mothers vs. No-Mothers and Teachers vs. No-Teachers). Another goal is to examine the way how this beliefs and implicit theories can be influenced by socio-cognitive dynamics as identity conflicts (in participants who play both roles) or the degree of familiarity with the representation object intelligence, perceived by the participants. From a theoretical position we adopt the Social Representation Theory approach, considered as organizers principles of beliefs and implicit theories. Concerning the first aim, confirmatory factorial analysis supports a three factor model with low or moderate correlations between factors. For the second goal, multivariate analysis of variance shows that mothers value innate theories as a possible way to protect their social identities. Some new results emerge in this research: mothers are, also, the participants who most value the image of an intelligent child, both well socialized and autonomous and dynamic in order to achieve ambitious goals. Finally, another new result is the fact that participants without any position regards the issue of familiarity with the object of representation, value most this last implicit theory. We suggest further research in order to highlight these issues.

KEY-WORDS: intelligence; social representations; sociocognitive dynamics.

Représentations sociales de l'intelligence: structure et effets de quelques variables sociocognitives

Le premier objectif de cet étude c'est d'analyser l'organisation structurel des croyances et des théories implicites sur l'intelligence en participants du sexe féminin avec des différents insertions sociales et rôles éducatifs (Mères vs. Non Mères; Enseignantes vs. Non Enseignantes). Il se s'agit aussi de rechercher sur le mode comme celles-ci peuvent être influencées pour des dynamiques sociocognitives, comme soient les possibles conflits identitaires en participants qui ont le double rôle éducatif, aussi bien que le degré de familiarité perçue pour les participants sur l'objet de représentation « intelligence ». Du point de vue théorique on adopte la perspective de la Théorie des Représentations Sociales, compris comme des principes organisateurs des croyances e théories implicites. En ce qui concerne le premier objectif, des analyses factorielles confirmatoires montrent un modèle d'organisation structurel de trois facteurs, avec des relations faibles ou modérés entre eux. En ce qui concerne le deuxième objectif des analyses multivariées montrent que les mères valorisent de plus théories innéistes comme une possible stratégie de protection de leurs identités sociales. Quelques résultats nouveaux en face de la littérature apparaissent dans cette recherche : les mères sont aussi qui valorisent de plus l'image d'un enfant intelligent comme un enfant simultanément bien socialisé, mais aussi avec d'autonomie et dynamique pour attendre des objectifs ambitieux. Finalement, un autre résultat nouveau, c'est que les participants sans aucune position en face de la familiarité avec l'objet de représentation, valorisent significativement de plus cette dernière théorie implicite. On suggère autres études pour éclaircir ces résultats

MOTS-CLÉS: intelligence; représentations sociales, dynamiques sociocognitives.